

# Os frontispícios na arquitetura religiosa em Minas Gerais

## Frontispieces in the religious architecture of Minas Gerais

Ivo Porto de Menezes\*

### Resumo

A composição das fachadas das principais igrejas construídas em Minas Gerais no século XVIII decorria da disposição dos elementos seus componentes, ou seja, torres e frontispício. Na planta, começava a busca de uma melhor composição. O frontispício, como elemento principal, deveria ser bem proporcionado. A ocorrência de modificações desses frontispícios de igrejas mineiras é o objeto deste trabalho, associando-se, na descrição desses processos, constatações de ocorridos semelhantes em igrejas da Europa Central e de possíveis influências sofridas.

Palavras-chave: Arquitetura; Rococó; Frontispício; Minas Gerais; Europa Central.

### Abstract

The façade composition of the main 18<sup>th</sup>-century churches constructed in Minas Gerais resulted from the disposition of its components, that is, towers and frontispiece. The search for a better composition started at the plan stage. As the main element, the frontispiece should be well-proportionate. The object of this article is the occurrence of modifications in the frontispieces of Minas Gerais churches, the description of which is associated to evidences of similar processes in Central European churches and possible influences.

Key words: Architecture; Rococo; Frontispiece; Minas Gerais; Central Europe.

\* Engenheiro-arquiteto pela Escola de Arquitetura da UFMG, doutor em Construção Civil, Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Minas da Universidade do Brasil, professor emérito da UFMG, professor de Arquitetura Brasileira e Patologia das Edificações na Escola de Arquitetura da UFMG, professor de Construção de Edifícios na Escola de Minas da Ufop, diretor do Arquivo Público Mineiro, arquiteto do Iphan e Iepha/MG.

Os arraiais nas Minas Gerais surgiram ao sabor das descobertas que aqui cresciam ao longo do tempo. Providenciavam logo seus habitantes, mantidas suas tradições da mãe pátria, a construção do templo, onde podiam melhor conversar com seu Deus, seja para pedir sua proteção, seja para agradecer sua prosperidade. Surgiam, assim, as primeiras capelas, espalhadas ao longo do território desbravado, junto à habitação de seus povoadores.

“Feitas de pau do mato próximo e da terra do chão”, no saboroso dizer do mestre Lúcio Costa, assim também eram erguidas as primeiras capelas e, posteriormente, transformadas em matrizes. Logo que possível, procuravam dar a elas maior dignidade construtiva e segurança. A arquitetura seguia o exemplo que traziam de sua terra natal, adaptadas, é verdade, às condições encontradas na nova terra.

Motivos surgiam, como aquele em que, ao querer “El Rei nosso Senhor” criar nas Minas um bispado, pensando em criá-lo na mais próspera vila do território, qual seja a Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto. Solicita ao Procurador da Coroa informações sobre qual das matrizes daquela Vila tinha condições para ser a nova catedral. Transparecido o documento, as duas matrizes da Vila, a da Senhora do Pilar e a da Senhora da Conceição de Antônio Dias, resolvem, pelos idos de 1728, demolir suas velhas matrizes e erguer novas que servissem de catedral. Informa o Procurador que as duas poderiam servir como tal. Uma convoca o melhor mestre-de-obra para levar avante sua construção, ou seja, o mestre Manoel Francisco Lisboa; a outra, imediatamente, chama para criar nova forma na distribuição interna o excelente mestre da madeira, Antônio Francisco Pombal, ocasionalmente irmãos.

As matrizes, erguidas pelos “fregueses” da paróquia, tinham a imediata assistência da coroa, já que sua capela-mor pertencia à Ordem de Cristo, cujo Grão-Mestre era El Rei. Assim, as construções dessas igrejas deveriam seguir as ordens diretas que vinham de Portugal, mandadas pelo Arquiteto das Ordens. Verdade é que, mandado o pretendido projeto para a aprovação da corte, de maneira geral, enviava o Arquiteto das Ordens novo traçado, de acordo com o que pensava ser mais interessante. Mas a rebeldia do povo da colônia se fazia sentir quando não obedeciam o enviado, senão construindo “à sua fantasia”,

como ocorreu com a matriz da Senhora da Boa Viagem de Curral del Rei. Eram, de maneira geral, plantas retangulares em dois blocos, a nave ladeada pelas torres sineiras e a capela-mor, seguida dos necessários anexos.



FIGURA 1 - Abadia Premonstatense  
(Osterhofen, Alemanha)  
Fonte: Lieb (1953, p. 61).



FIGURA 2 - São Francisco de Assis  
(São João del Rei)  
Fonte: Serviço de Foto Documentação  
da Escola de Arquitetura – UFMG.

166 Nas matrizes, os devotos dos diversos santos cultuados na mãe pátria erigiam as Ordens Terceiras e Irmandades, construindo altares laterais a seu gosto, “modernizando-os” quando julgado necessário ou cedendo-os a outras irmandades. É que, com o correr do tempo, crescidas em número de irmãos ou possibilidades financeiras, resolviam construir sua capela própria, desvinculando-se da submissão indireta ao pároco e à corte, mais livres para erguer sua capela segundo aquilo que lhes parecia melhor. Convidavam para fazê-lo o melhor arquiteto que então aqui trabalhava, os melhores escultores e pintores, produzindo obras novas, bem diversas das primitivas.

Nas Minas Gerais, exatamente pela sua maior liberdade e não poder ser punida com a suspensão do pagamento da cômputa pelo governo, fora proibida a instalação das Ordens Primeira e Segunda, padres e freiras, fossem beneditinas, dominicanas, carmelitas.

Por outro lado, estudos realizados por pesquisadores como Myriam Ribeiro, José Augusto França, Marie-Thérèse Mandroux-França e outros, trazem ao nosso conhecimento a influência dos desenhos provenientes, em especial de Augsburg, na Alemanha, que serviram de orientação a um novo estilo, o rococó, seja na mãe pátria, seja em nossa Minas Gerais. Marie-Thérèse fala na presença abundante – e geralmente ignorada – de estampas de arquitetura e decoração nas bibliotecas portuguesas dos séculos XVII e XVIII (FRANÇA, 1973, p. 412). Delas nos ocuparemos mais adiante. Exemplo disso são os “nove painéis de países figuras”, que deixou, em seu testamento, o abridor de cunhos de Vila Rica João Gomes Baptista (MENEZES, 1973, p. 127).

Na Europa Central, a presença das matrizes era normal, enquanto sobressaía a existência dos diversos mosteiros e abadias, de várias ordens, em especial a beneditina, erguendo conventos com suas imponentes capelas, usando o que de melhor havia para construí-las com a devida qualidade e beleza, buscando os melhores arquitetos, construtores e artistas, como Johann Bernhard Fischer von Erlach, Dominikus Zimmermann, Johann Dientzenhofer ou Balthazar Neumann. Independentes ou mesmo constituindo o próprio poder, podiam realizar suas arquiteturas e construções mais ao gosto da época nova que se implantava na Europa. Dali saíam as gravuras de que falamos há pouco, em Augsburg na sua maioria, patrocinadas, em especial, pela Ordem de S. Bento. Diversos autores têm-se dedicado a estudos dessa importante influência. Em trabalhos anteriores, a isso também fizemos referência (MENEZES, 2004, p. 5).

Por outro lado, um grande surto de interesse pelas peregrinações, em seu próprio território pátrio, fez com que muitos dos mosteiros se tornassem centros de peregrinação, como é o caso do belo Mosteiro Beneditino de Einsiedeln, o mais célebre lugar de peregrinação na Suíça. Esse mosteiro, fundado em 934 e por várias vezes incendiado, reedifica igreja e convento, no século XVIII, no estilo dito “de Vorarlberg”. A profusa decoração tem a presença dos irmãos Asam, de Munique, enquanto, logo à entrada, deparamos com a Santa-Capela, com a Senhora dos Eremitas, fonte de permanente peregrinação até nossos dias.

Nas montanhas da Franconia situa-se a Abadia Beneditina de Banz, erguida sob a direção de Johann Dientzenhofer, dando origem à sua vizinha

igreja de peregrinação, dedicada aos quatorze santos intercessores junto ao Menino Jesus, *Vierzehnheiligen*. Seu projeto se deve a Balthazar Neumann. Seu Altar dos Intercessores constitui por si só excelente trabalho.

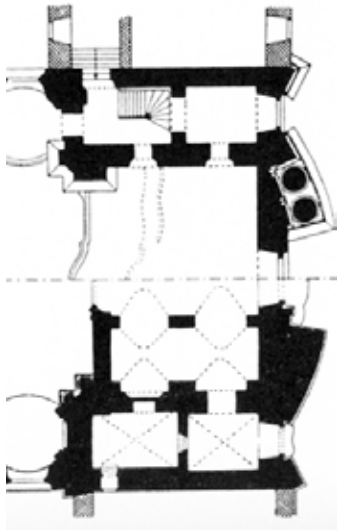


FIGURA 3 - Abadia  
Beneditina (Zwiefalten,  
Alemanha)  
Fonte: Lieb (1953, p. 74).

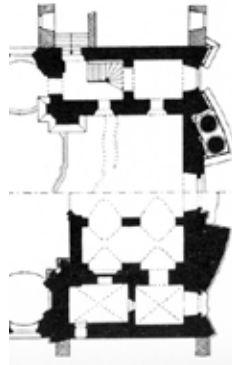


FIGURA 4 - Abadia  
Beneditina (Wiblingen,  
Alemanha)  
Fonte: Lieb (1953, p.138).

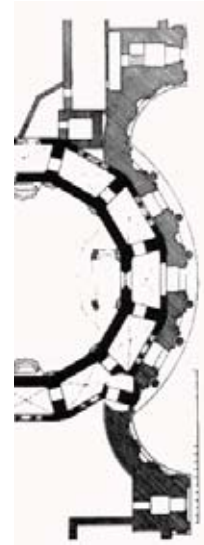


FIGURA 5 - Abadia  
Beneditina (Ettal,  
Alemanha)  
Fonte: Lieb (1953, p. 103).

Nas Minas Gerais, diversos artistas portugueses vindos à busca de trabalho eram escolhidos pelo conhecimento do que já haviam executado em sua pátria. Eram cuidadosamente selecionados quando se pensava em reconstruir igrejas primitivas, tornando-as mais de acordo com o correr do tempo. Basta lembrar a disputa entre as duas matrizes de Ouro Preto, desejosas de serem escolhidas para servir como catedral da diocese que pensava el Rei criar nas Minas Gerais. O já conhecido mestre Manoel Francisco Lisboa é escolhido para a renovação ou reconstrução da Matriz da Senhora da Conceição de Antônio Dias, enquanto seu irmão, igualmente reconhecido mestre, Antônio Francisco Pombal, era encarregado da reconstrução na Matriz da Senhora do Pilar (MENEZES, 1975, p. 58 e 148). Eis que a reconstrução da Matriz da Senhora do Pilar ensejou, quando já quase acabada a obra, as magníficas

festas que ficaram conhecidas pelo relato feito por Simeão Ferreira Machado no opúsculo **Triunfo eucarístico**.

Muitos desses artistas portugueses trouxeram aquele “desenho o mais doce e mimoso”, como o fez João Gomes Batista, abridor de cunhos da Casa da Moeda de Lisboa e, posteriormente, da Casa de Moeda de Vila Rica, mestre, sem dúvida, de Antônio Francisco Lisboa (MENEZES, 1973, p. 103). Assim o reconheceu e assim escreveu o vereador segundo de Mariana, Joaquim José da Silva, na memória, infelizmente perdida, dos fatos notáveis ocorridos em Mariana.

Manoel Francisco de Araújo elaborou diversos trabalhos, entre eles alguns que tiveram a participação especial do Aleijadinho, como na Sé de Mariana, na Capela da Senhora do Carmo em Ouro Preto ou na Capela do Palácio dos Governadores, igualmente em Ouro Preto (MENEZES, 1978, p. 86), a quem cabe, ainda, o risco da empena e frontispício da Capela da Senhora do Rosário, em Ouro Preto, em 1781 (MENEZES, 1978, p. 92).

José Pereira dos Santos, mestre-de-obra reconhecido, de fato deve ser alçado à condição de arquiteto quando, em documento, refere-se a seu projeto para a agradável Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, exercendo sua atividade em diversas de nossas igrejas.

Coube a José Ribeiro de Carvalhais executar o término da torre e frontispício da mesma Capela da Senhora do Rosário, em 1785 (MENEZES, 1975, p. 140).

Esses artistas, aqui chegando, integraram-se ao ambiente das vilas e arraiais, ocupando cargos de relevo como Tesoureiro da Câmara de Mariana (José Pereira Arouca), Administrador das Rendas das aferições da mesma Câmara (Arouca), Definidor da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Ouro Preto (Manoel Francisco de Araújo). Ocupam diversos cargos, como Irmãos das Ordens Terceiras e Irmandades das vilas, participando inclusive como oficiais da mesa administrativa das mesmas Ordens Terceiras e Irmandades.

Embora tivessem ensinado, em seus ateliês, o melhor modo de obter a beleza em seus trabalhos, tentativas foram feitas para a criação de escolas de arte, que não obtiveram sucesso, que o diga Manoel da Costa Ataíde,

nosso melhor pintor (MENEZES, 2005, p. 198). Constatamos a presença, por exemplo, de Antônio Gonçalves da Cunha que, em 1798, afirma, a respeito de João Gomes Batista, que “aprendeu ele mesmo o ofício ou arte e o ajudava em todas as obras que fazia de cunhos”, enquanto Ventura da Costa Rangel aprendera com ele a “debuchar”.

Deveríamos ainda lembrar José Coelho de Noronha, Francisco Xavier de Brito e Felipe Vieira, entre vários outros.

A organização dos trabalhos mecânicos de então exigia que os pretendentes a oficiais das diversas profissões se submetessem a exames patrocinados pelas Câmaras Municipais, efetuados perante o juiz do respectivo ofício, escolhido pela própria Câmara. Muitos dos mestres acima indicados ocuparam o cargo de Juiz do Ofício nas várias vilas das Minas Gerais.

Com esses mestres fizeram seu aprendizado os vários artistas que aqui nasceram, inicialmente como aprendizes, freqüentando os ateliês daqueles que já haviam obtido sua aprovação do Juiz de Ofício e do Senado da Câmara.

Bibliotecas várias, como do mineiro Pe. Dr. Joaquim Veloso de Miranda, possuíam livros de interesse, como o **Segredo das artes e Prédio rústico**.

Não podemos esquecer a presença de livros de arquitetura, como o entregue a José Ribeiro de Carvalhais por Manoel Francisco de Araújo (MENEZES, 1978, p. 100), os 12 exemplares do **Paládio**, **50 Ciência das sombras** ou **50 Chinografias portuguesas com estampas pretas**, remetidos diretamente da Corte, além do **Método lusitano de desenhar** e do já citado **Segredo das artes**, constante do inventário do Marechal João Carlos Xavier da Silva Ferrão (MENEZES, 1977, p. 79).

A evolução em planta, em especial no que se refere ao frontispício das igrejas e capelas nas Minas Gerais, sempre nos preocupou, relativamente às modificações que apresentaram ao longo do tempo.

Diversos aspectos dessas plantas já foram estudados, mas, no momento, procuramos concentrar-nos apenas nos frontispícios.

Constatamos que nossas matrizes permanecem com seu frontispício, apresentando traçado reto, fiel à planta retangular de seu nártex e nave, ainda

mesmo em seguimento do traçado, em planta das torres. Se, por um lado, podemos sentir a presença de uma tradição de inspiração de longa data na arquitetura, por outro lado queremos crer que o próprio sistema construtivo que utilizavam encaminhava a solução para a simplicidade das paredes retas, encaixando-se uma na outra, através dos cunhais, geralmente de madeira, em ângulo reto. Inicialmente, a isso eram levados ainda pelas normas vindas da metrópole d'além-mar, provavelmente pelos "riscos" fornecidos pelo "Arquiteto das Ordens". A execução dos frontispícios, obedecendo esses preceitos, tornava o conjunto ressaltado para a horizontal de seu plano, como constatamos em trabalho anterior. A desobediência aos riscos vindos da metrópole, já o acentuamos em trabalho anterior (MENEZES, 1977, p. 78).



FIGURA 6 - Morro de São Vicente (demolida)  
Fonte: Ivo Porto de Menezes (1956).



FIGURA 7 - Matriz de Santo Amaro (Brumal)  
Fonte: Ivo Porto de Menezes (2006).

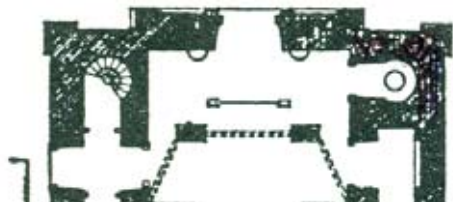


FIGURA 8 - Sé N. Senhora da Assunção (Mariana)  
Fonte: Bazin (s/d, p. 196).

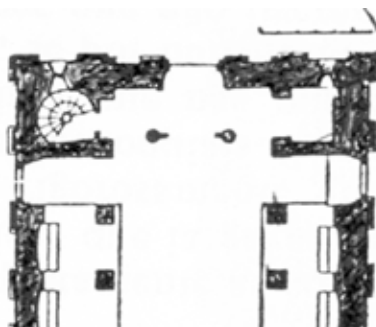


FIGURA 9 - N. Senhora da Conceição (Antônio Dias, Ouro Preto)  
Fonte: Bazin (s/d, p. 204).



Uma visão geral da evolução em planta das igrejas construídas nas Minas Gerais no século XVIII e início do XIX nos leva, a partir das plantas retangulares de nossas matrizes, às plantas encurvadas, pela pesquisa do belo, da leveza, efetuadas especialmente por Antônio Francisco Lisboa.

Por longo tempo, desde as modestas e inicialmente provisórias capelas, caberia apenas o sistema construtivo como elemento orientador das plantas dessas capelas. Madeira e barro seriam seus principais elementos disponíveis para a construção e mesmo quando a possibilidade da introdução da pedra, em construção “de maior dura”, indicava o processo mais natural das plantas, em linhas retas e encontros perpendiculares das paredes.

Quando essas primitivas construções são substituídas por outras igrejas, principalmente as matrizes, por construções de maiores proporções e melhor tratamento arquitetônico, ainda predominariam as plantas de paredes retas, devidamente aprumadas e esquadriadas, voltando o trabalho de embelezamento e qualidade para o interior, buscando na decoração, a gosto da época, o enriquecimento através da talha e mesmo do douramento, quando possível. Isso é o que vamos encontrar naquelas igrejas, principalmente matrizes, embora seja necessário procurar reconhecer as modificações, as modernizações em que buscaram o embelezamento da fachada, mais a gosto do correr do tempo e da importância assumida pela matriz, em especial diante do crescimento ou enriquecimento da população do arraial primevo.

172 Seja na citada modernização, seja na construção de novas matrizes ou algumas igrejas filiais, buscaram-se novas formas de ressaltar sua principal fachada, com o acréscimo de uma e, principalmente, de duas torres sineiras, pertencendo, no mais das vezes, sua construção a uma ou duas irmandades, eretas na igreja. Percorrendo o interior das Gerais, estaremos apreciando uma matriz como a da Senhora da Conceição de Sabará ou da Senhora de Nazaré de Morro Vermelho, a veneranda Sé da Senhora da Assunção em Mariana. Muitas das igrejas da Alemanha apresentam essa fachada reta, como a Abadia Premonstatense de Obermarchtal e a de Osterhofen, a Beneditina de Rott am Inn, embora seu interior apresente excepcionais trabalhos de Franz Ignaz Gunther.

O frontispício, entalado entre essas torres sineiras, deve ser mais bem

cuidado, por representar na fachada sua correspondente nave que abriga os fiéis. Procura-se ressaltá-lo com, inicialmente, um leve avançar de sua parede, mantida ainda reta, mas não mais seqüencial do alinhamento das paredes das torres, e sim salientada, como se vê, por exemplo, na Capela da Senhora do Rosário e Santa Efigênia e mesmo na matriz da Senhora da Conceição de Antônio Dias, em Ouro Preto, ou na veneranda Sé da Cidade Mariana. Citaríamos, ainda, a demolida matriz, das mais antigas de Minas, no Morro de São Vicente ou a de Santo Amaro, no Brumal, conhecida pelos labores que cobrem todo o seu interior. Isso mesmo vamos encontrar em diversas igrejas da Europa Central, como em várias matrizes ou em conventos, na Baviera, a exemplo da Franciscana de Ingolstadt.

Avançando o frontispício através da projeção em curva única, busca-se mostrar o especial cuidado com a composição da fachada. É o que podemos apreciar, seja em avanços mais circunscritos ao frontispício, seja abrangendo mesmo toda a fachada, nas igrejas do Rosário em Ouro Preto e São Pedro dos Clérigos, em Mariana, além da demolida Igreja de São Pedro dos Clérigos, no Rio de Janeiro. Buscamos da Europa Central e Portugal alguns exemplos, como a deliciosa capela da casa dos irmãos Agid Quirin e Cosmas Damian Asam, respeitadas artistas, situada em Munique, a igreja de S. Michael de Berg am Lain ou a beneditina abadia de Ottobeuren, e ainda a Capela dos Passos, no Porto.

Procurando maior harmonia, é o frontispício composto por curvas e contracurvas, como o fez Antônio Francisco Lisboa na projetada Capela da Senhora do Carmo, da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto, projetada por seu pai, Manoel Francisco Lisboa. Visitando bela igreja de peregrinação dedicada aos quatorze santos, Vierzhenheiligen, próxima à basílica de Banz, na Alemanha, alçada a alturas especiais, encontraríamos esse encurvamento da fachada, assim como da delicada S. Carlo alle Quattro Fontane, de Borromini, em Roma.

Na reforma, bem depois de sua solene reinauguração, a Matriz da Senhora do Pilar de Ouro Preto teve seu frontispício ressaltado em três planos.

A Capela de São José, em Ouro Preto, busca forma nova ao acrescentar a seu frontispício, concluído em uma única torre, um novo avançamento, em

único pavimento, fechado em seu conteúdo, encimado por graciosa balaustrada, lembrando-nos aquela balaustrada, lá sob todo o correr do frontispício, na igreja do Bom Jesus da Cruz, em Barcelos, Portugal.

Tempos decorridos, sempre se conservou o costume de usar o frontispício como seguimento normal das torres, voltando a presidir esse dispositivo nas igrejas construídas já mais para o final do período, como a Capela de São Francisco de Paula, em Ouro Preto.

Verdade é que não podemos desprezar a busca das curvas, tão a gosto do barroco e rococó, de nossas três igrejas de plantas ovóides, duas das quais ainda existentes nas Minas Gerais e uma já demolida, no Rio de Janeiro. Citemos a Capela do Rosário de Ouro Preto e São Pedro dos Clérigos em Mariana e a demolida São Pedro dos Clérigos no Rio de Janeiro. Afirmamos tratar-se de plantas ovóides e não elípticas, como normalmente foram identificadas, uma vez que, quando de projeto de restauração da Capela de São Pedro dos Clérigos de Mariana, fizemos seu levantamento arquitetônico, tornando-se bastante demorada a definição de sua forma. Tomadas as mais variadas dimensões, buscando-se os focos das elipses, encontrados que foram, tornava-se impossível construir, a partir das dimensões obtidas *in loco*, as elipses que buscávamos. Consultados livros de desenhos, encontramos um ovóide, bastante semelhante a uma elipse que, usadas as dimensões encontradas na edificação, permitiram reconstituir sua real planta.

174

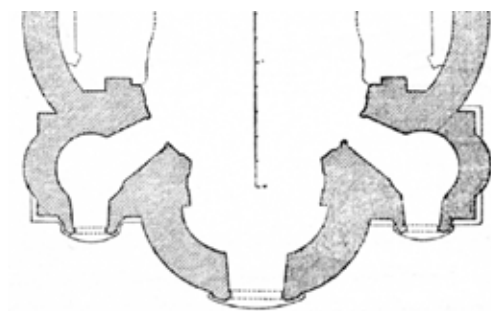


Fig. 92 — Planta da Igreja de S. Pedro

FIGURA 10 - São Pedro (demolida) (Rio de Janeiro) Fonte: Santos (1951, p. 146).



FIGURA 11- São Pedro (Rio de Janeiro) Fonte: Iphan.

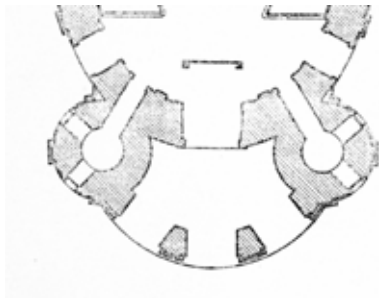


FIGURA 12 - Nossa Senhora do Rosário  
(Ouro Preto)  
Fonte: Santos (1951, p. 143).

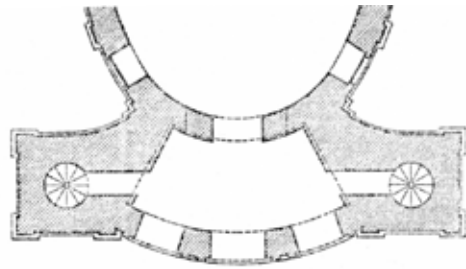


FIGURA 13 - São Pedro dos Clérigos  
(Mariana)  
Fonte: Santos (1951, p. 143).

Escrevendo nosso trabalho “Vãos na arquitetura tradicional mineira”, pelos idos de 1958, citávamos a evolução das plantas, como comumente era costume, colocando-as em ovóide ou elipse, na fase final das suas evoluções. Lendo nosso estudo, o saudoso mestre Lúcio Costa chamou atenção para o fato de que documento encontrado àquela época não permitia que assim fossem classificadas, recuando no tempo as plantas em ovóide para época mais antiga.

Antônio Francisco Lisboa e outros arquitetos, chamados a projetar ou modificar os projetos de nossas igrejas, vão buscar a melhor composição para o volume da edificação, através de encurvamento de paredes, fachadas laterais ou principais, dando-lhes formas em curvas e contracurvas, como na inicial modificação da fachada principal da Capela da Senhora do Carmo, da Ordem Terceira do Carmo, em Ouro Preto, ou na fachada lateral da projetada Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de São João del Rei.

175

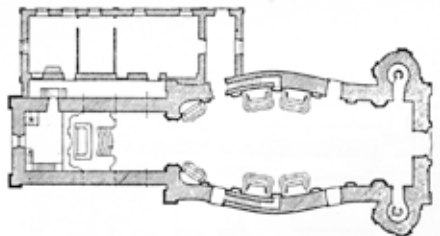


FIGURA 14 - São Francisco de Assis  
(São João del Rei)  
Fonte: Bazin (s/d, p. 220).

Alguns frontispícios foram inicialmente, ao que nos parece, ressaltados do correr da fachada, com um avanço semicircular, já que, definidas as torres, era impossível modificar toda a construção. Para acentuar o que se desejava, a leveza no traçado, apilarados, colunas nichadas ou colunas apenas à parede, foram adicionados e posteriormente definidos conjuntos de colunas e entablamentos, em amplas portadas de altura compatível com a de toda a fachada. Em nossas matrizes, geralmente, esse trabalho foi resultado de uma modernização da igreja, objeto de obras bem posteriores à construção da igreja, como ocorreu nas duas matrizes de Ouro Preto, executado quando, na tentativa de atrair para si a sede do novo bispado a ser criado nas Minas Gerais, procederam a efetivas mudanças nas duas igrejas, por volta de 1728 a 1733.

Essa utilização de colunas ou pilares nichados pode ser apreciada quando se visitam os mais diversos lugares, como na Europa Central, em mosteiros beneditinos de Zwiefalten e Banz, Mosteiro Agostiniano de Diessen, Mosteiro Cisterciense de Furstenfeld, ou na Igreja de St. Michael em Berg am Lain, na Alemanha. Kollegienkirche, em Salzburgo, na Áustria, e a atual catedral de S. Gallen, na Suíça, assim como a Igreja de São Nicolau na Malá Strana de Praga devem igualmente ser citadas.

Quando de modificação no frontispício da Capela de Nossa Senhora do Carmo em Ouro Preto, Antônio Francisco Lisboa torna em curvas e contracurvas a feição do novo frontispício, tomando ainda o cuidado de chanfrar os cunhais das torres para melhorar o aspecto geral. O que se desejava era ressaltar a presença da *janua coeli*, que para isso ainda receberia um especial cuidado com entalhes, da melhor qualidade, em uma sobreporta cuidadosamente esculpida.

Chega mesmo a dar forma diferente ao frontispício da Capela da Senhora dos Anjos da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, avançando o frontispício, para que ficasse de menor largura, mas não esquecido. É pela presença de colunas e entablamentos rompidos que ressalta, de maneira especial, a composição geral da fachada, afastadas mais para o lado as janelas, já implantadas. Sua magnífica portada, esculpida em pedra sabão, é acrescida daquele magnífico óculo que, cegado, dá origem a especial trabalho escultórico.

Buscam os projetistas o melhor enquadramento, não só dos frontispícios, senão de toda a fachada, incluídas as torres (MENEZES, 1977, p. 71). Verificamos desde logo que, daquelas composições da fachada como um todo, em que o retângulo assentava sobre o chão seu lado maior ( $a > b$ ) numa composição de maior sensação de peso, buscaram elevar as torres sineiras, alcançando maior altura em todo o conjunto, agora assente no chão sobre o lado menor ( $b > a$ ). A composição ficou mais bem marcada em suas várias partes, presas a um traçado mais abrangente. Quando, no entanto, os frontispícios tiveram seu lado apoiado reduzido para proporções menores, seja através de diminuição direta da base, seja através do artifício do encurvamento, ou principalmente do lançar para a frente, como o fez Antônio Francisco Lisboa na capela da Senhora dos Anjos, da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Ouro Preto, foi atingido o apogeu da composição, centrada em elemento especial – o óculo cegado e esculpido, alcançando a proporção áurea em sua composição geral ( $b/a = a+b/b$ ) (MENEZES, 1977, p. 88).



FIGURA 15 -  $a > b$   
S. Bartolomeu (S. Bartolomeu)  
Fonte: Menezes (1977, p. 88).



FIGURA 16:  $b > a$   
N. S. Carmo (Ouro Preto)  
Fonte: Menezes (1977, p. 89).

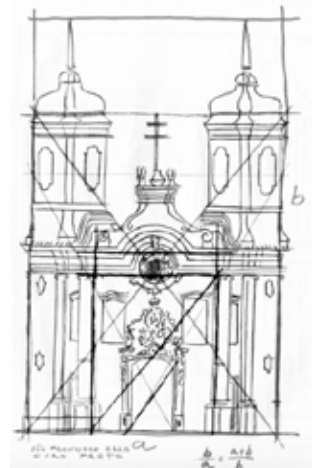


FIGURA 17:  $a+b/b$   
S. Francisco Assis (Ouro Preto)  
Fonte: Menezes (1977, p. 90).

Isso ocorreu nas Minas Gerais do século XVIII, bem como na Europa, em especial na Europa Central. Não caberia aqui alongar-nos em hipóteses do porquê de sua presença em tão diferentes e distantes lugares. Apenas acrescentaríamos que, a nosso ver, o que ocorreu foi a maior riqueza e liberdade de trabalho nesses dois locais, com a presença de artistas de maior vulto, como, aqui, Antônio Francisco Lisboa, Francisco de Lima Cerqueira, Manoel Francisco Lisboa, Antônio Francisco Pombal e, ali, Johann Michael Fischer, Balthazar Neumann, Caspar Moosbrugger, Dominikus Zimmerman, Fischer von Erlach, entre outros. Cumpre ainda um paralelo com aquelas igrejas da Europa Central nem sempre vinculadas ao poder direto das ordens religiosas, as igrejas “de peregrinação”. Nas Minas Gerais ocorre mais freqüentemente nas igrejas desvinculadas diretamente do poder central, pois, nas matrizes, a capela-mor pertencia à Ordem de Cristo, ao seu grão-mestre, o Rei. Caberia à Ordem de Cristo orientar a construção dessas matrizes, embora, freqüentemente, enviadas normas ou mesmo projetos, como foi o caso da freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral del Rei, onde o Provedor e Irmãos do Santíssimo Sacramento “não praticaram o que mandara a Real Ordem de S. Magestade de 2 de abril de 1759 e fizeram a Igreja à sua fantasia” (MENEZES, 1975, p. 249).

178 Tal liberdade estará presente, em maior escala, nas Capelas das Ordens Terceiras e Irmandades. Contemporâneas na maioria das vezes, distanciadas pela localização, impedidos os estrangeiros de permanecer nas Gerais até princípios do século XIX, de fato, essa aproximação pela arte se evidencia, como assinalamos em trabalho anterior (MENEZES, 2004, p. 5). O saudoso Dr. Curt Lange, em suas descobertas da música religiosa em Minas Gerais, ao falar no compositor Emerico (Emerich) Lobo de Mesquita, chama a atenção para o **Triunfo eucarístico**, em 1733, com a presença de um alemão que precedia um setor do imenso cortejo, “rompendo com sonoras vozes de um clarim o silêncio dos ares” (LANGE, 1965, p. 52).

Apenas como indicativos, queremos lembrar e aqui estampamos alguns desses trabalhos, representados pelas plantas dos frontispícios, seja de igrejas da Europa Central, em especial da Baviera, seja de igrejas das Minas Gerais.

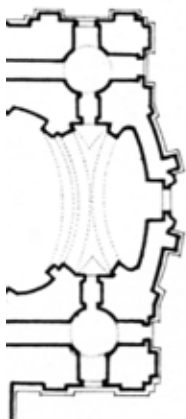


FIGURA 18  
Abadia Beneditina  
(Banz)  
Fonte: Schnell (1977,  
p. 6).

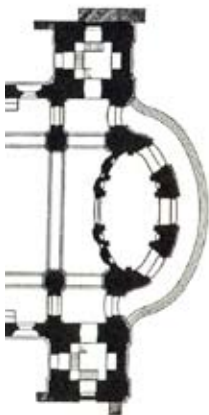


FIGURA 19  
Abadia Beneditina  
(Weingarten)  
Fonte: Lieb (1953,  
p. 22).



FIGURA 20 -  
Abadia Beneditina  
(Ottebeuren,  
Alemanha)  
Fonte: Schnell (1977,  
p. 6).



FIGURA 21 -  
Abadia Beneditina  
(Einsiedeln, Suíça)  
Fonte: Norbert-Schulz  
(1973, p. 336).



FIGURA 22  
Igreja Peregrinação  
(Vierzehnheiligen,  
Alemanha)  
Fonte: Norbert-Schulz  
(1973, p. 160).

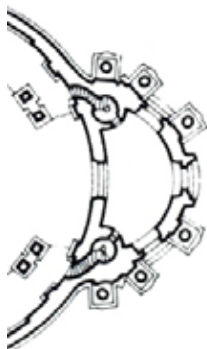


FIGURA 23  
Igreja Peregrinação  
(Wies, Alemanha)  
Fonte: Norbert-  
Schulz (1973, p.  
148).

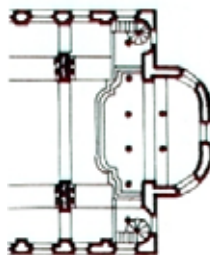


FIGURA 24  
Mosteiro Beneditino  
(S. Gallen, Suíça)  
Fonte: Norbert-  
Schulz (1973, p. 338).



FIGURA 25  
S. João Nepomuceno  
(Munique)  
Fonte: Lieb (1953, p.  
51).



Avançam em curvas diretas inicialmente, para depois se harmonizarem mais com contracurvas. Tratamentos, os mais variáveis, são executados através de colunas e entablamentos, que sobressaem das paredes ou nelas estão nichados. Variam grandemente na forma e no acabamento, na busca da beleza que melhor se coadune com o que deseja o artista.



FIGURA 26  
S. João Nepomuceno  
(Munique, Alemanha)  
Fonte: Ivo P. Menezes (1992).



FIGURA 27  
S Nicolau, Malá Strana, Praga,  
Rep. Tcheca  
Fonte: Ivo P. Menezes (1992).



FIGURA 28  
N. Senhora do Pilar, Ouro  
Preto  
Fonte: Ivo P. Menezes (2006).

Outra ocorrência de real importância é a modificação na tradicional implantação das torres, junto ao frontispício. Encontramos essa variação em Praga, como em Atouguia da Baleia, em Portugal, em Viena ou em São João Batista do Morro Grande (Barão de Cocais), nas Minas Gerais.

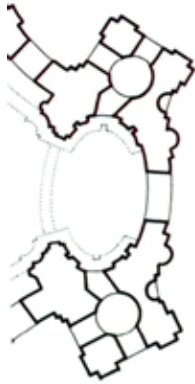


FIGURA 29 - S. João sobre a rocha (Praga, Rep. Tcheca)  
Fonte: Norbert-Schulz (1973, p. 122).



FIGURA 30 – Matriz (Atouguia da Baleia, Portugal)  
Fonte: Ivo P. Menezes (1970).



FIGURA 31 - São Pedro (Viena, Áustria)  
Fonte: Ivo P. Menezes (1979).



FIGURA 32 - Senhor da Pedra (Óbidos, Portugal)  
Fonte: Ivo P. Menezes (1970).



FIGURA 33 - Matriz S. João Batista (Barão de Cocais)  
Fonte: Ivo P. Menezes (2006).



FIGURA 34 - S. Francisco de Assis (São João del Rei)  
Fonte: Ivo P. Menezes (2006).

## Referências

ALT, H-W. **Banz am Main**. München: Verlag & Schnell, 1990.

BAZIN, G. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

FRANÇA, M.-T. M. F. **Information artistique et “mass-media” au XVIII siècle: la diffusion de l’ornement grave rococó au Portugal**. Bracara Augusta, Braga, v. 27, n. 64, p. 412-455, 1973.

LANGE, F. C. **Os compositores na Capitania Geral das Minas Gerais. Separata da Revista de Estudos Históricos**, Marília, n. 3/4, p. 33-111, 1965.

LIEB, N. **Barockkirchen**. Munchen: Himmer Verlag, 1953.

MENEZES, I. P. **Algumas imagens na Baviera**. **Boletim do Ceib**, Belo Horizonte, v. 8, n. 28, p. 5-6, jul. 2004.

MENEZES, I. P. **Documentação referente a Minas Gerais existente nos arquivos portugueses**. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, ano 26, maio 1975.

MENEZES, I. P. **João Gomes Baptista**. **Revista Barroco**, Belo Horizonte, v. 5, p. 99-128, 1973.

MENEZES, I. P. **Manoel Francisco de Araújo**. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 83-113, 1978.

MENEZES, I. P. **Uma releitura da trajetória do pintor marianense**. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org.). **Manoel da Costa Ataíde, aspectos históricos, estilísticos, iconográficos e técnicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 2005. p. 16-30 e 170-216.

MENEZES, I. P. **Visão atual do ambiente cultural artístico de Minas Gerais barroca**. In: IV SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, 4, 1977, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 1977. p. 71-96.

MENEZES, Joaquim Furtado de. **Igrejas e irmandades de Ouro Preto**. Publicações do Iepha, Belo Horizonte, n. 1, p. 60-67, 1975.

NORBERT-SCHULZ, C. **Arquitectura barroca tardia y rococó**. Madrid: Aguilar, 1973.

SANTOS, P. **A arquitetura religiosa em Ouro Preto**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1951.

SCHNELL, H. **Ottobeuren**. München: Verlag & Schnell, 1977.

Endereço para correspondência  
Ivo Porto de Menezes  
Rua Espírito Santo, 2577/401  
30160-032 - Belo Horizonte - MG  
e-mail: ivo.p.menezes@uol.com.br